

O Ceará e o Nordeste globalizado: uma trajetória acadêmica e afetiva

Jacob Carlos Lima

Universidade Federal de São Carlos, Brasil
calimajb@gmail.com

Neste texto busco fazer recuperação de uma trajetória acadêmica e afetiva, que envolveu minha vinculação institucional inicial com a Universidade Federal da Paraíba, a partir da qual estabeleci uma parceria com os colegas das ciências sociais da Universidade Federal do Ceará. Como em toda recuperação biográfica, o acaso tem um papel muito grande, sendo que a posteriori tentamos dar sentido de continuidade. Alocações e deslocamentos no espaço social, como diz Bourdieu (2004), uma construção de momentos sucessivos estruturados a partir de relações objetivas com os diversos atores do campo. Isto num contexto de formação de uma cultura acadêmica, de uma nacionalização da pesquisa em Sociologia e Ciências Sociais no Brasil nestas últimas décadas. Recupero alguns momentos dessa trajetória onde o pessoal e o acadêmico se enlaçam.

Minha carreira tem sido marcada por estudos sobre o trabalho no Brasil, os processos de reestruturação econômica, de flexibilização das relações de trabalho no contexto da globalização. Esse objeto foi

se delineando a partir de descobertas sucessivas, de questões fatuais que permitiram construir meu objeto de pesquisa. O Ceará, entrou nessa história, como espaço representativo da modernidade neoliberal implementada no país a partir, principalmente dos anos de 1990, tendo se constituído, um campo de estudos privilegiado para acompanhar as transformações do capitalismo e as reconfigurações sócio-espaciais do período.

Para recuperar essa trajetória, a memória não foi suficiente. Foi necessário retornar a relatórios de pesquisa, publicações e anotações diversas, como forma de reconstruir o caminho da parceria que estabeleci e que ainda se mantém com a sociologia cearense e os colegas da UFC. Nesse caminho, alguns documentos foram perdidos e, em alguns momentos, o factual ficou prejudicado. Como todo processo de reconstrução do passado, possui graus distintos de arbitrariedades e lacunas, mas que no conjunto, acredito, permite formar um painel de como essa parceria foi construída.

Meu primeiro contato com o Ceará foi dois anos antes da criação da pós-graduação em Sociologia na UFC. Em 1976, com mais quatro colegas, embarquei num ônibus na estação rodoviária de São Paulo, rumo a umas férias no norte e nordeste do país. Coursava então meu primeiro ano na Escola de Sociologia e Política, e aproveitei o recesso do mês de julho para passear em outras latitudes. O norte e o nordeste me fascinavam. As mudanças culturais dos pós 1968 ainda ecoavam e o cenário cultural do país se renovava com novos baianos, cearenses, paraibanos e pernambucanos marcando a paisagem e adentrando a década seguinte. A ditadura militar apresentava rachaduras e ao lado da repressão política, assistia-se uma certa liberação dos costumes e das atividades culturais. Já tinha ouvido o “Pessoal do Ceará” e me encantado com “Meu corpo minha embalagem todo gasto na viagem” e

o Pavão Misterioso do Ednardo, além das músicas de Belchior, principalmente através da interpretação de Elis Regina. Mas conheci primeiro a praia e o porto do Mucuripe, antes de atentar para a música do Belchior e Fagner. O roteiro da viagem São Paulo-Brasília-Belém-Fortaleza-Salvador-São Paulo, previa estadia em casa de amigos e de amigos de amigos. A passagem por Fortaleza foi rápida, menos que cinco dias, e me lembro de ficar hospedado na praia de Iracema, uma ida ao Teatro José de Alencar e não muito mais que isso. O mesmo aconteceu nas outras cidades. A maior parte do tempo estivemos na estrada dentro do ônibus... numa espécie de caravana Roliday estudantil, uma etnografia possível de estradas, cidades e tipos humanos. E ouvi o “Manera Fru-fru” do Fagner integralmente apenas dois anos depois, em Recife, com cinco anos de atraso.

Só retornei a Fortaleza na década seguinte, mais precisamente em 1986 quando da realização do seminário “Relações de trabalho e relações de poder”, organizado pelo então mestrado em sociologia do desenvolvimento (MSD).

Mas as relações com o MSD, começaram antes. Em 1982 entrei como professor auxiliar no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba e acompanhei algumas reuniões de coordenadores filiados a pós-graduação no Nordeste que culminou com a organização, em 1985, do Seminário “Movimentos Sociais: para além da dicotomia rural urbano” apoiado pelo CNPq e FINEP. Além do seminário, pretendia-se com o evento a criação de um núcleo de pesquisadores da região, o que vingou até o início dos anos 1990.

O seminário, em grande medida, refletiu as mudanças temáticas na pesquisa em ciências sociais no Brasil dos anos 1980, a abertura e o fim da ditadura militar com o surgimento de novos atores no cenário social do país: os movimentos sociais urbanos, representados por lu-

tas específicas contra a fome, por moradia, por serviços urbanos, pelo novo sindicalismo, a retomada dos movimentos pela reforma agrária, enfim, toda uma ebulição social que marcou a década. A expansão da pós-graduação começava a dar seus frutos e, regionalmente, buscava-se uma organização para juntar forças e se inserir nos debates nacionais, abrindo novos espaços para a discussão, juntando pesquisadores, docentes e discentes.

Particpei como relator de uma mesa sobre Estado e movimentos sociais. Como o título do encontro sugeria, os movimentos sociais urbanos e rurais em seus distintos formatos, marcaram as discussões com mesas redondas e *papers* de pesquisa em andamento nos programas regionais. Me lembro apenas que anotei o que todo mundo apresentou e entreguei para alguém. Nunca mais vi o tal do relato, embora tenha dado um bom trabalho.

No seminário participaram professores-pesquisadores, então em início de carreira, e vinculados as universidades regionais, que se tornaram referências nacionais na área das Ciências Sociais: Elimar Nascimento, Regina Novaes, Irllys Barreira, César Barreira, Gisélia Potengy, Ana Quiroga Fausto Neto, Brasília Carlos Ferreira, Tamara Egler, Lourdes Bandeira, Christian Azais, Nádyá Araujo Castro, Paola Cappelin, Mário Giuliani, José Arlindo Soares, Angela Maria Tude de Souza, entre outros. Todos apresentando trabalhos ou participando da comissão organizadora. E os convidados “nacionais”: Luis Antonio Machado da Silva, Ana Clara Torres Ribeiro e Francisco de Oliveira.

Este seminário deu início ao que, nos anos 1990, tornou-se o CISO, os encontros Norte-Nordeste de Ciências Sociais que foram regulares, geralmente bianuais, até 2012, quando da sua última edição em Teresina na UFPI. No começo tinha uma temática que orientava as

discussões, posteriormente passou a ser apenas Encontro de Ciências Sociais.

Em maio de 1986 foi realizada em João Pessoa uma reunião para discutir a temática “Relações de Trabalho, Relações de Poder”, fazer um inventário da produção regional sobre a temática e criar um intercâmbio de pesquisadores para desenvolver o debate em suas distintas vertentes teórico metodológicas. Dessa reunião saiu um primeiro documento elaborado pelas professoras da UFPB, Deis Siqueira, Gisélia Potengy, Paola Cappelin e Maria Antonia Alonso de Andrade que se tornou base para as reuniões seguintes, que juntaram cerca de 19 pesquisadores e foram realizadas em diversas capitais nordestinas (SIQUEIRA, POTENGY, CAPPELIN, 1997).

Um de seus desdobramentos foi o segundo seminário, realizado em Fortaleza em 1986, “Relações de trabalho, relações de poder” deu origem a um novo projeto como continuidade ao anterior e visando manter a pesquisa como forma de integração entre os pesquisadores da região. Retornei a Fortaleza, agora apresentando paper no 2º encontro, sobre a pesquisa que desenvolvia sobre a industrialização do Nordeste em perspectiva histórica. Mas também dessa vez a passagem foi rápida. Isso mudou quando retornei do meu doutorado em 1992 e assumi a coordenação do Mestrado em Ciências Sociais, em seguida Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB. As articulações entre os coordenadores regionais estavam mais fortes, com encontros anuais para discutir os interesses comuns que culminou com a representação do Norte-Nordeste nas diretorias da ANPOCS e de uma reunião de coordenadores nos Encontro da ANPOCS o que possibilitou maior organicidade e integração regional, apesar da crise permanente em que vivia a universidade e o país nessa década.

Além de Irllys e César Barreira, passei a conhecer outros colegas

da UFC que circulavam, seja nos encontros regionais, seja nos nacionais como a ANPOCS: Sylvia Porto Alegre, Linda Gondim, Glória Diógenes entre outros. Ainda em 1992 participei como convidado externo, da banca examinadora do mestrado de Frederico Castro Neves então professor da UFPB e que no ano seguinte passou a integrar o Departamento de História da UFC. O outro membro, da casa, era o Prof. Manoel Domingos Neto. Recordo que me preocupei em fazer diversas questões para mostrar serviço como recém doutor. O Manoel Domingos fez apenas uma. O Mestrando respondeu a minha em 15 minutos e por quase uma hora respondeu a única questão do colega, muito mais consistente do que todas as minhas. Fiquei traumatizado, mas aprendi que quantidade e qualidade não são necessariamente equivalentes.

Depois disso participei de mais cinco bancas no PPGS-UFC, duas de mestrado e três de doutorado. Em uma delas fui num voo que saia de João Pessoa no início da tarde para Fortaleza, com escala em Fernando de Noronha. Era um avião pequeno com uns 20 lugares e eu era o único passageiro até a escala no arquipélago. O cenário era deslumbrante e foi a forma que conheci Noronha, sobrevoando e, sem seguida descendo no aeroporto para aguardar os novos passageiros que lotaram a aeronave. Tudo bem até Fortaleza quando o aeroporto estava sem energia elétrica e tivemos que esperar voando.. Da outra vez foi, digamos, mais aventureiro. Saindo de João Pessoa, tive que trocar de avião no Recife para o voo para Fortaleza, num Brasília da Embraer. No meio da viagem, enquanto serviam o lanche, estourou o para-brisa e o avião teve que perder altitude rapidamente para ficar seguro. Lembro que segurava um sanduiche e só consegui dar a primeira mordida quando o avião retornou à velocidade de cruzeiro numa altitude bem mais baixa. Assim chegamos a Fortaleza, e fui

direto para a banca, quando então minhas pernas pararam de tremer.

Em 1995, me chamou a atenção uma reportagem de jornal, seguida por outra numa revista semanal, sobre a revolução que estaria acontecendo no Nordeste como resultado das políticas de modernização econômica iniciadas no governo Collor e aprofundada no governo Fernando Henrique Cardoso: o fim do protecionismo estatal à indústria nacional, a abertura dos mercados aos produtos importados, e o desmonte do que seriam as políticas de desenvolvimento capitaneadas pelo Estado. Novos fenômenos estavam acontecendo: guerra fiscal entre estados na atração de investimentos industriais, reestruturação de setores produtivos em termos tecnológicos e organizacionais, fechamento de fábricas e/ou sua desnacionalização, privatização de empresas estatais.

Nessa reestruturação, avançavam os processos de terceirização industrial e de formação de redes empresariais. Um caso exemplar era apontado na reportagem: a instalação no Ceará de um projeto de uma empresa coreana que montava máquinas de costura e se propunha a produzir confecções para exportação num esquema de terceirização em cooperativas de trabalho espalhadas em municípios próximos a sede. O projeto era ambicioso e pressupunha uma rede entre o governo do estado que oferecia a infraestrutura para a instalação das unidades industriais — terrenos e incentivos fiscais — em Acarape; a construção de uma escola de formação de “confeccionistas”, — costureiros (as) e mecânicos, com o apoio do SENAI e com “bolsas” salários no período de treinamento por conta do governo estadual; e organização de pequenas cooperativas em diversos municípios da região do Maciço do Baturité, organizadas com a assessoria da OCB — Organização das Cooperativas Brasileiras . Instaladas em 1991-1992, chegou a utilizar mais de 300 trabalhadores.

As mesmas reportagens destacavam que outras empresas nacionais, a partir dessa experiência, tinham organizado cooperativas em outros estados do Nordeste neste formato e em pequenas cidades interioranas da região. O Ceará se tornou uma vitrine dos novos tempos da modernização globalizada, recebendo visita de técnicos e políticos de outros estados da região buscando conhecer a experiência. Naquele momento, com o desmonte das políticas nacionais de desenvolvimento, os estados da região enfrentavam um momento de grande estagnação econômica. O Ceará destoava desse quadro, situação atribuída a um novo bloco de poder no estado: os chamados novos empresários.

Com essas informações, organizei junto com Maria Carmela Buonflígio, coordenadora do Grupo Tecnologia e Trabalho (GTT), do qual eu participava na UFPB, uma visita à fábrica da Hering em Paulista na Grande Recife, da qual, segundo a reportagem, também estaria utilizando cooperativas na terceirização de sua produção. A visita não foi muito exitosa, não conseguimos entrar na fábrica, ou entrevistar qualquer gerente, mas conhecemos a cooperativa de consumo da empresa, de onde informalmente, obtivemos informações acerca das cooperativas organizadas no interior do estado. De posse dessa informação, em 1996, fizemos uma visita aos municípios citados e conhecemos algumas cooperativas. O GTT, em seguida encaminhou um projeto de pesquisa para o CNPq e a FINEP chamado de “O impacto da reestruturação produtiva no mundo do trabalho”, com um subprojeto “Flexibilização, precarização e terceirização do trabalho”, voltado ao estudo da organização dessas cooperativas de trabalho. Este projeto foi complementado com outro submetido por mim ao CNPq, voltado especificamente ao trabalho em cooperativas, chamado de “O efeito maquila: cooperativas de produção do vestuário no Nordeste”,

aprovado em 1997.



Foto 1: Cooperativa fechada — Acarape (CE)

Fonte: Pesquisa direta

A hipótese da “maquila”, devia-se a similitude aparente da proposta da empresa coreana de finalizar peças de confecção no país, voltada para a exportação. Essa situação foi alterada com o Plano Real em 1994 e a valorização do dólar norte-americano que inviabilizou a “plataforma” de exportação, pelo alto custo decorrente da paridade real-dólar. A empresa redirecionou sua produção para o mercado interno, mas não deu certo. Em 1997, a proposta com as cooperativas estava em crise, com entregas irregulares de peças às cooperativas, com o fechamento de unidades e dispensa de trabalhadores que começaram a entrar na justiça visando indenizações.

A pesquisa exigiu visitas constantes aos municípios de quatro estados que mantinham esse modelo: Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Nesse período conheci a tese de doutorado recém

defendida (1996) de Maria Vilma Coelho Moreira Faria “Globalization and the incorporation of women’s labor: the case of garment cooperative in Northeast Brazil”, um estudo pioneiro sobre essas cooperativas no momento de seu funcionamento pleno. Em contato com a autora, conseguimos que publicasse um artigo sobre a tese na revista “Política e Trabalho” do PPGS-UFPB.

No Ceará, eu e a equipe da UFPB visitamos em Acarape a sede da empresa e a escola de formação de faccionistas, já desativada, assim como alguns prédios fechados de cooperativas. Conseguimos entrar também numa unidade industrial da fábrica em Acarape, na qual algumas cooperativas desativadas nos pequenos municípios, funcionavam dentro do prédio. Segundo declarações da empresa, o projeto tinha sido superdimensionado e a partir de seu enxugamento, os trabalhadores das cooperativas restantes, foram alocados dentro da unidade industrial. Mas por pouco tempo, uma vez que cresciam as denúncias de trabalho assalariado disfarçado utilizado por essa e outras empresas que utilizavam desse subterfúgio para obter mão de obra mais barata.

Foi a partir de 1997 que a pesquisa deslançou a com o início da parceria com a Prof^a Maria Neyara Araújo de Oliveira, que retornava de seu doutorado em São Paulo. Organizamos conjuntamente um GT no Encontro Norte-Nordeste de Ciências Sociais realizado em Fortaleza naquele ano e nossa empatia foi total. A partir daí, fui convidado a ir como Professor Visitante junto ao PPGS-UFC, o que foi viabilizado no segundo semestre de 1998. Dada as greves permanentes do período, o semestre terminou em fevereiro de 1999.

Como visitante, ministrei em conjunto com a Prof^a Neyara, a disciplina Sociologia do trabalho, fizemos visitas a fábricas na região metropolitana de Fortaleza e “pesquisas observantes” no Maciço do Baturité e Canindé. Na região do Maciço e em Acarape, passamos por



Foto 2: Fábrica Acarape (CE)

Fonte: Pesquisa direta.

pequenas cidades da região nas quais entrevistamos ex-cooperados do projeto da fábrica coreana, que nos transmitiram suas experiências e suas expectativas após o fechamento das cooperativas.

Fomos com um micro-ônibus da UFC, com alunos e professores que se interessaram em participar. Em Canindé, fomos conhecer mais do programa do governo estadual de atrair a cadeia do vestuário para o estado através de incentivos fiscais e organização de cooperativas: as cooperativas de calçados vinculadas a empresas do sul-sudeste do país, organizadas em redes de terceirização. As grandes cadeias internacionais de lojas encomendavam para uma empresa no Caribe a produção de tipos variados de calçados que, por sua vez, contratavam empresas brasileiras do sul-sudeste do país, que fabricavam os calçados e que passaram a deslocar para o Ceará unidades de produção em forma de cooperativas para as quais terceirizavam a montagem e aca-



Foto 3: Centro de Formação de Confeccionista Acarape(CE)

Fonte: Pesquisa direta.

bamento dos produtos. Uma campanha do Sindicato dos Sapateiros do Ceará levou o Ministério Público do Trabalho a acionar essas empresas que, em sua maioria fecharam as cooperativas transformando-as em unidades fabris regulares.

Outro elemento de destaque nesse programa foi a interiorização industrial, seja com as cooperativas de confecção do Maciço, seja com as cooperativas de calçados distribuídas em todo o interior do estado. Além de fábricas regulares instaladas na grande Fortaleza, Sobral e Crato. Um resultado desse processo foi que o Ceará, na década de 1990 passou ao quinto exportador de calçados do país, uma vez que até então só produzia calçados artesanais e em pequena escala. A resignificação do território na modernização globalizada, a inclusão de áreas e regiões periféricas à expansão mercantil e que num contexto das transformações tecnológicas representadas pelos transportes e co-



Foto 4: Reunião com ex-cooperados.
Prédio desativado de cooperativa Maciço do Baturité (CE)
Fonte: Pesquisa direta

municações informatizadas, elimina as distâncias geográficas como problema. As buscas por menores custos integram essas regiões à dinâmica global. Nesse quadro, o Nordeste e o Ceará em particular, tornou-se exemplar desse processo.

Assim a modernização cearense passou a ser estudada, através do “novo empresariado” que agora assumia o poder político no estado, dinamizando-o comparativamente aos demais estados da região com papel agressivo na guerra fiscal e nas políticas públicas (GONDIM, 1998; LEMENHE, 1996). Funcionários graduados do estado, procuravam as empresas no sul-sudeste mostrando as vantagens da instalação no estado, tendo grande êxito nessa empreitada. O governo estadual e suas políticas modernizantes foram objeto de pesquisa e enaltecidas em sua positividade na expansão neoliberal do estado naquele período com diversos indicadores positivos econômicos e mesmo so-



Foto 5: Cooperativa de calçados — Canindé (CE)

Fonte: pesquisa direta

ciais (TENDLER, 1998)¹.

Esta estadia como professor visitante resultou num paper com Neyara Araújo “Trabalho associado, capital e reação sindical: as cooperativas de trabalho industrial”, apresentado na ANPOCS (ARAÚJO E LIMA, 1998) e posteriormente publicado no livro organizado por Iram Jácome Rodrigues como “Para além do novo sindicalismo: a crise do assalariamento e as experiências com trabalho associado” (Lima e Araújo, 1998). E ainda no artigo “O trabalho sem utopias: novas configurações produtivas e os trabalhadores” na Revista de Ciências Sociais da UFC em 2003. Como bolsista de pesquisa, o atual professor da Universidade Estadual do Vale do Acaraú, Joannes Silva Fortes. Os resultados finais da pesquisa, foram publicados no livro “As artimanhas da flexibilização: o trabalho em cooperativas de produção em

1. O governo do estado ganhou um prêmio da ONU com uma política de redução da mortalidade infantil a partir de Agentes Comunitários de Saúde, programa que esteve na origem do Programa Saúde da Família (Tendler, 1998, Lima, 2002, 2001).

2002, além de artigos e capítulos de livros (LIMA, 2002).

Ressalto ainda as trocas acadêmicas e afetivas com os colegas do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação, e em suas atividades como seminários e bancas. Assisti a defesa da tese de doutorado da Prof^a Sulamita Vieira sobre Luiz Gonzaga, ganhei um livro sobre a representação do trabalho na macumba do Prof^o Ismael Pordeus Junior, discutindo a utilização do termo trabalho nas oferendas e em seguida publicado como livro (PORDEUS Jr, 1993), além da sociabilidade extra acadêmica com Cesar e Irllys Barreira, Sulamita Vieira, Linda Gondim, Maria Auxiliadora Lemenhe e Julia Miranda em algumas quintas de caranguejo, ou reuniões em casa. Aliás, devo a Sulamita Vieira e Eurípedes Funes a descoberta de itinerários gastronômicos da cidade, desde restaurantes por quilo nos almoços fora da universidade a outros já em processo de gourmetização, como o “Faustino” e seu famoso sorvete de manjerição. Sem falar da fita cassete de música andaluz que ganhei do José Lemenhe.

Através da Prof^a Linda Gondim, consegui um contato com a Prof^a Judith Tandler do Massachusetts Institut of Technology que tinha pesquisa no Ceará (O bom governo nos trópicos), que me aceitou como pós-doc junto ao Department of Urban Studies. E para lá fui, no ano 2000 com um projeto sobre o “Nordeste globalizado”. Experiência estimulante junto a academia norte-americana e seu acesso ao mundo, e mais ainda com a prof. Tandler, extremamente calorosa em sua recepção. Quando consegui o contato e enviei um email não esperava uma resposta rápida. No dia seguinte já tinha respondido e me avisando que estaria em Natal proximamente e que poderíamos nos encontrar para conversar. Foi o que aconteceu e comecei a me preparar para Boston. Em Boston, me hospedou em sua casa até eu arrumar um lugar para ficar. Durante todo o período, além dos seminários

que organizava, me convidava regularmente para jantares com seus alunos e/ou para discutir a pesquisa, além de caminhadas e cinemas eventuais. Retornando ao Brasil, ainda participei de um seminário organizado por ela da FGV do Rio de Janeiro, apresentando a pesquisa sobre as cooperativas no Nordeste.



Foto 6: Apresentação FGV — 2002
Fonte: Pesquisa direta

Um dos resultados desse estágio foi um artigo de discussão sobre o conceito de capital social e sua aplicabilidade nos estudos de políticas públicas. O tema tinha chamado minha atenção a partir de conversas informais com o Prof. Jawdat Abu-El-Haj, que vinha pesquisando sobre o assunto (ABU-EL-HAJ, 1999; 2000). Na minha revisão sobre o conceito illustrei com a discussão de TENDLER (1998) referente aos Agentes de Saúde, e a positividade da mobilização das relações comunitárias, com minha pesquisa sobre cooperativas, destacando que nessas últimas, não houve nenhuma preocupação em absorver o capital relacional existente, e sim apenas a utilização de uma mão de obra farta e barata (LIMA, 2002).

No retorno, como coordenador do PPGS-UFPB, convidei a Prof^a Linda Gondim para apresentação de um seminário sobre metodologia a partir de um artigo que tinha publicado recentemente e que tinha chamado minha atenção pela forma clara e agradável como que tratava um tema tradicionalmente espinhoso. Empolgado com a apresentação, combinamos em escrever um texto junto de metodologia, talvez um livro. Ficamos na primeira parte, que foi uma revisão ampliada do artigo já publicado, mas agora em formato de um livro, já que tinha ficado mais longo do que esperado para um artigo. Na perspectiva de uma sociologia reflexiva, discutimos como elaborar um projeto de pesquisa numa linguagem coloquial, evidenciando que a pesquisa é uma construção racional e não uma angustiante busca mística por um conhecimento inalcançável, e que as dificuldades fazem parte do processo, tal como discutido por Bourdieu (1989). Publicamos em duas edições: uma primeira, em 2002, num formato quase artesanal, pela Editora Manufatura de João Pessoa e, em 2006, pela Editora da UFSCar. Tentamos conversar para dar continuidade ao projeto, mas devido a agendas carregadas, não foi possível.

Ainda em 2002, tive a defesa de um aluno de mestrado, Eduardo Gomes Machado, sobre a reestruturação Banco do Brasil da década anterior, tendo como empiria os trabalhadores em Fortaleza. Posteriormente fez seu doutorado da UFC com Linda Gondim e tornou-se professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), em Redenção.

Em João Pessoa, dei continuidade aos projetos de pesquisa tendo como referência o nordeste globalizado, as redes empresariais e de terceirização. Agora a preocupação foi analisar não apenas a vinda de empresas e cooperativas para o nordeste, mas também a saída do sul-Sudeste e a relação entre elas. Com esse objetivo passei a analisar a

indústria de calçados no Ceará e sua ponta gaúcha, as fábricas do Vale do Rio dos Sinos, para verificar esse processo nos dois espaços produtivos. A principal diferença estava na organização de cooperativas com participação de sindicatos no Rio Grande do Sul, assim como um programa do governo estadual desenvolvido pela ANTEAG de formação em Economia Solidária. Assim conheci diversas experiências de unidades produtivas em formas de cooperativas em municípios da região. No Ceará, a comparação foi com a única unidade que tinha se mantido como Cooperativa na cidade de Quixeramobim, empregando mais de 1000 cooperados e exportando toda a sua produção. Mais uma vez, as pesquisas contaram com Neyara Araújo e sua equipe, no apoio e nas visitas observantes e nas observações pesquisantes. Na SBS de Fortaleza, em 2001, mais uma vez, eu e Neyara, organizamos o GT trabalho, dando continuidade à nossa parceria.



Foto 7: Cooperativa em Quixeramobim (CE)

Fonte: Pesquisa direta

Em 2004, me transferi para a UFSCar, mas a parceira com a UFC continuou. Um orientando meu da UFPB, o Vancarder Brito Sousa, que estudava a Favela do Porto da Draga em Fortaleza, e que con-

tou com acompanhamento de Linda Gondim que participou posteriormente da defesa da tese em 2006. Também dei “pitaco” na tese de Teresa Cristina Furtado Matos, ex-aluna na UFPB, defendida na Sociologia da UFC em 2006. Ismael Pordeus Jr, o orientador, acho que nunca soube disso.

Minha ex-orientanda de mestrado e professora da URCA — Universidade Regional do Cariri, foi fazer seu doutorado na UFC sob a orientação de Neyara Araújo, estudando a industrialização do Crato na perspectiva da sociologia econômica, na constituição dos novos espaços produtivos tendo a indústria de calçados como referência (2006). Acompanhei a pesquisa da tese como um co-orientador informal e dei continuidade ao projeto comparativo RS-CE, com recorte no setor calçadista e incorporando Franca e Jaú no estado de São Paulo buscando entender as mobilidades do capital e do trabalho. No Ceará, a expansão do projeto abarcou unidades industriais em diversos municípios e resultou em dois artigos conjuntos com Iara Araujo e Izabel Cristina Borsoi, então professora do Departamento de Psicologia da UFC e que depois se transferiu para a UFES. O primeiro deles “Os novos territórios da produção e do trabalho: a indústria de calçados no Ceará”, trabalhou com uma amostra das unidades industriais do estado e o perfil dos trabalhadores, na lógica da formação de um proletariado fábri num *greenfield*, ou seja, numa região sem nenhuma tradição de trabalho industrial e organizado. Foi publicado no Caderno CRH (LIMA, BORSOI, ARAÚJO, 2011). O segundo, “Operárias no cariri cearense: fábrica, família e violência doméstica”, resultou um estudo de caso, no âmbito do projeto, realizado numa fábrica na cidade do Crato. A partir da contratação de mulheres trabalhadoras para a fábrica, que funcionava inclusive no período noturno, houve um crescimento da violência doméstica, decorrente da inserção

da mulher no espaço urbano e a autonomia econômica conquistada por essas trabalhadoras. Com maridos em empregos informais e intermitentes, mudou a estrutura de poder dentro da casa, com a mulher não aceitando mais a subordinação violenta a que estavam acostumadas, passando a denunciar junto a recente Delegacia da mulher (ARAÚJO, LIMA, BORSOI, 2011).

Em 2007, iniciei um novo projeto agora coordenado pela prof. Marcia de Paula Leite e com a Prof. Angela Maria Carneiro de Araújo da UNICAMP, financiado pela Fapesp, sobre Economia Solidária. Era um *survey* sobre experiências com cooperativas a partir do Mapa de Empreendimentos Solidários da SENAES, no estado de São Paulo, com estudos qualitativos em outros estados como Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Ceará. Outro contexto político e econômico, com novas políticas sociais implementadas e a Economia solidária tornada agora política pública. Embora concentrado em São Paulo, teve um “braço” no Ceará com a ida a campo para analisar algumas experiências desenvolvidas no estado, objetivando verificar se os chamados empreendimentos solidários se diferenciavam muito das experiências de cooperativas de terceirização anteriores. Agora a pesquisa voltou-se prioritariamente a pequenos empreendimentos que, embora participantes formalmente da economia solidária e parte do levantamento do SIES, pouco tinham dessas características de reciprocidade. No geral, eram associações organizadas por políticas assistencialistas de governos e prefeituras, voltadas a venda de produtos artesanais locais, mas que rapidamente passaram a vender produtos industrializados. Uma exceção foi uma associação e cooperativa de produção e beneficiamento de caju na região metropolitana de Fortaleza. Nesse período também, tentamos visitar novamente à Cooperativa industrial em Quixeramobim, mas não obtivemos autorização da empresa.

A equipe de pesquisa terminou o trabalho de campo num almoço no charmoso Sítio Aratans em Caucaia, no projeto experimental de economia solidária coordenado pela prof. Neyara Araújo, isso já em 2011.

Outros caminhos acadêmicos foram se delineando, mas a parceria com o Ceará e o PPGS sempre estiveram presentes. Em 2002-2004 integrei o comitê da Capes, tendo a colega Irllys Barreira como companheira, o que se repetiu no biênio 2008-2010. Em 2010-2013 assumi a coordenação da área de Sociologia da Capes tendo César Barreira como coordenador do mestrado profissional. Nesse período visitas esporádicas a Fortaleza, na UFC e na UECE, agora numa Fortaleza modificada nos ventos da boaventura econômica e política dos anos dos governos populares. Novos restaurantes gourmetizados, cocos-bambus e outros num novo patamar. Novos campus, novos prédios, enfim um andar para a frente que parecia não ter retorno. Novos colegas e ex-alunos, distribuídos pelo estado, não apenas na UFC, mas na UECE, na Unilab, URCA e UVA.

Em 2016, a convite do então coordenador do curso de Sociologia da Unilab, Eduardo Gomes Machado, proferi uma palestra para os alunos da licenciatura. Me empolguei com a estrutura do curso que pressupõe dois anos de bacharelado com disciplinas básicas para todos os alunos da unidade de Redenção, e mais três de licenciatura em Sociologia (além de outras opções de curso), e a diversidade representada pela grande quantidade de alunos africanos, além de outros oriundos de diversas cidades do Ceará e de outros estados. Mesmo com uma estrutura ainda precária, prédios estavam sendo construídos e mudando substancialmente a cara da cidade. Claro que isso em grande medida foi abortada pelo golpe jurídico parlamentar desse mesmo ano, que imagino afetou largamente o curso. Mas a cidade de Redenção estava

na rota das cooperativas de terceirização que estudei na década de 1990. Passando por Acarape na ida e volta de Fortaleza, lá estavam os prédios da empresa coreana Yamacon que coordenou o projeto das cooperativas e que prometia 1600 empregos na região. Pouco restou. Valeria outra pesquisa para saber o destino dos ex-cooperados e como o quadro econômico de crescimento da última década afetou a região.

Em 2016, numa banca de professor titular que participei conjuntamente com Irllys Barreira na Universidade Federal da Bahia, conversamos sobre a possibilidade de recuperarmos nossa experiência na pós-graduação e em órgãos de avaliação como a Capes, para discutir a constituição e consolidação de uma cultura acadêmica no país, a nacionalização do ensino e pesquisa em Sociologia. Integramos grande parte desse processo, como estudantes e professores pesquisadores desde a década de 1970, e atuamos concretamente na formação dessa cultura, a partir de nossos campos de pesquisa e vinculação institucional. Inicialmente tivemos como proposta, a recuperação desse processo no Nordeste onde participamos das tentativas de organização e fortalecimento da pós-graduação e sua vinculação com associações nacionais como a ANPOCS; da organização de eventos regionais, das revistas acadêmicas das quais estivemos de uma forma ou outra envolvidos. Posteriormente se agregou a essa proposta, Soraya Vargas Cortez da UFRGS que trabalhou conjuntamente em vários momentos na Capes, seja como membro do comitê de avaliação, seja como vice coordenadora de área no período 2010-2013. Nossa proposta foi então ampliada e escrevemos um texto sobre a formação da sociologia “fora do eixo”, recuperando sua constituição-consolidação no nordeste e sul do país (BARREIRA, CORTES, LIMA, 2018). Essa amplitude, contudo, deixou de lado uma parte sobre nordeste, cursos de graduação e mesmo um maior detalhamento dessa cultura acadêmica na região,

que iremos desenvolver posteriormente.

Encontros permanentes em seminários nacionais e internacionais. Participação em bancas e congressos pelo país, e agora uma nova geração de professores/pesquisadores que despontam e que irão, se permitirem, transformar nossa universidade. As condições já estão dadas. Temos no país uma alta qualidade na formação e na pesquisa de sociologia e ciências sociais, com grupos consolidados e pesquisadores reconhecidos internacionalmente. Os 50 anos do curso de ciências sociais da UFC ilustra esse processo que está longe de terminar, assim como os vínculos construídos.

Finalizando esse artigo memorialístico, minha carreira como professor pesquisador, está imbricado à parceria com a Sociologia da UFC, nas trocas permanentes, nos estudos sobre o Nordeste e as amizades construídas nesse trajeto. Um caminho fortemente geracional que se confunde com a própria constituição da Sociologia no Brasil em suas especificidades temporais e espaciais.

Referências

ABU-EL-HAJ, Jawdat. O debate em torno do capital social: uma revisão crítica. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 47, p. 65-79, 1999.

ABU-EL-HAJ, Jawdat. *A mobilização do capital social no Brasil: o caso da reforma sanitária no Ceará*. São Paulo: Annablume, 2000. 234p.

ARAÚJO, Iara Maria de; LIMA, Jacob Carlos; BORSOI, Isabel Cristina Ferreira. Operárias no Cariri cearense: fábrica, família e violência doméstica. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, p. 705-732, 2011.

ARAÚJO, Iara Maria de. Os novos espaços produtivos: relações sociais e vida econômica no Cariri Cearense. Tese (Sociologia). Fortaleza: UFC, 2006.

BARREIRA, Irllys; CORTES, Soraya Vargas; LIMA, Jacob Carlos. A Soci-

ologia fora do eixo. *Revista Brasileira de Sociologia*, 2018.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, p. 74-82, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

GONDIM, Linda Maria de Pontes. *Clientelismo e modernidade nas políticas públicas: os 'governos das mudanças' no Ceará*. Ijuí (RS): UNIJUÍ, 1998. 80p.

GONDIM, Linda Maria de Pontes; LIMA, Jacob Carlos. *A pesquisa como artesanato intelectual. Considerações sobre método e bom senso*. 2. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2006. v. 1. 88p.

LEMENHE, Maria Auxiliadora de Abreu Lima. *Família Tradição e Poder: o (caso) dos coronéis*. 1ª. ed. São Paulo: AnnaBlume, 1996. v. 250p

LIMA, Jacob Carlos; BORSOI, Isabel Cristina Ferreira; ARAUJO, Iara Maria de. Os novos territórios da produção e do trabalho: a indústria de calçados no Ceará. *Caderno CRH*, Salvador, v. 24, p. 367-384, 2011.

LIMA, Jacob Carlos; OLIVEIRA, Maria Neyara Araújo de. O trabalho sem utopias: novas configurações produtivas e os trabalhadores. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 34, n. 01, p. 19-30, 2003.

LIMA, Jacob Carlos; OLIVEIRA, Maria Neyara Araújo de. Para além do novo sindicalismo: a crise do assalariamento e as experiências com trabalho associado. In: Iram Jácome Rodrigues. (Org.). *O novo sindicalismo: vinte anos depois*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, p. 229-248.

LIMA, Jacob Carlos. *As artimanhas da flexibilização: o trabalho terceirizado em cooperativas de produção*. 1. ed. São Paulo: Terceiramargem Editora, 2002. v. 1. 160p.

LIMA, Jacob Carlos. Interiorização industrial e fabricas cooperativas: a experiência nordestina dos anos 90. In: Nadya Araujo Guimaraes; Scott Martin. (Org.). *Competitividade e desenvolvimento*. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p. 236-249.

LIMA, Jacob Carlos. Trabajo asalariado, trabajo asociado, trabajo precarizado: experiencias de tercerización y flexibilización de las relaciones de trabajo en noreste brasileño. In: Ximena Diaz B.; Eugenia Hola A. (Org.). *Trabajo, flexibilidad y género: tensiones de un proceso*. Santiago de Chile: CEM — Centro de Estudios de la Mujer, 2001, v. 1, p. 1-313.

LIMA, Jacob Carlos. A subcontratação em cooperativas de trabalho no Nordeste: descentralização produtiva e flexibilização das relações de trabalho. In: Alice Paiva Abreu. (Org.). *Produção flexível e novas institucionalidades na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000, p. 255-269.

LIMA, Jacob Carlos. A teoria do capital social na análise de políticas públicas. *Política & Trabalho*, n. 17, p. 46-63, 2001.

MACHADO, Eduardo Gomes. Campeões, Curingas e Robôs: Os funcionários e a reestruturação no Banco do Brasil, Dissertação (Sociologia). João Pessoa, UFPB, 2002.

MATOS, Tereza Cristina Furtado. Rádios comunitárias: sintonia dissonante e ‘auto-imagem’. Tese (Sociologia). Fortaleza: UFC, 2006.

MOREIRA, Maria Vilma Coelho. *Globalization and the incorporation of women’s labor: the case of garment cooperatives in Northeast Brazil*. Knoxville: University of Tennessee (Tese de Doutorado), 1996.

MOREIRA, Maria Vilma Coelho. (1997). Cooperativismo e desenvolvimento: o caso das Cooperativas de Confecções do Maciço de Baturité, Ceará. *Política e Trabalho*, n. 13, p. 55-76, 1997.

PORDEUS JÚNIOR, Ismael de Andrade. *A magia do trabalho: macumba cearense e festas de possessão*. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1993, 124p.

SIQUEIRA, Deys Eluci; POTENGY, Gisélia Franco; CAPPELIN, Paola (Orgs). *Relações de trabalho, relações de poder*. Brasília: Editora UnB, 1997.

SOUSA, Vancarder Brito. A cidade e a favela: o “Poço da Draga” e a requalificação urbana em Fortaleza. Tese (Sociologia). João Pessoa: UFPB, 2006.

TENDLER, Judith. *Good Government in the Tropics*. Baltimore, Md.: Johns Hopkins University Press, 1998. (Em português: *Bom governo nos trópicos: uma visão crítica*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2002).

Resumo:

O texto recupera uma trajetória acadêmica e afetiva construída nos últimos 35 anos com a Sociologia e as Ciências Sociais da UFC. O acaso se junta a uma carreira de professor e pesquisador no qual parcerias foram construídas numa busca de conhecer as nuances do desenvolvimento capitalista no Brasil em suas manifestações temporais, espaciais e os atores envolvidos nesse processo. Para tanto, recorri, além da memória, a relatórios de pesquisa, artigos e anotações que permitem alinhar um conjunto de atividades que dão sentido a esse caminho.

Palavras-chave: trajetória acadêmica; Nordeste; trabalho flexível; reespecialização da produção; Ceará.

Abstract:

The article recovers an academic and affective trajectory built in the last 35 years with Sociology and Social Sciences of the Federal University of Ceara (UFC, in portuguese). The chance joins a career as a professor and researcher, in which partnerships were built in a quest to know the nuances of capitalist development in Brazil in its temporal and spatial manifestations, as well as the actors involved in this process. To do so, I have used, in addition to the memory, research reports, articles and notes that allow us to combine a set of activities that give meaning to this path.

Keywords: academic trajectories; Northeast of Brazil; flexible work; re-spatialization of production; Ceara, Brazil.

Recebido para publicação em 08/01/2019.

Aceito em 19/02/2019.